



Série Fundamentos

72

Diana Luz Pessoa de Barros

Professora do Departamento de Letras
Clássicas e Vernáculas da FFLCH
da Universidade de São Paulo

**TEORIA SEMIÓTICA
DO TEXTO**

Direção

Benjamin Abclala Junior
Samira Youssef Campedelli

Preparação de texto

Ivany Picasso Batista

Edição de arte (miolo)

Milton Takeda
Divina Rocha Corte

Coordenação de composição (Composição/Paginação em vídeo)

Neide Hiromi Toyota

Dirce Ribeiro de Araujo

Capa

Paulo César Pereira

4ª edição

6ª impressão

Impressões oficinas da EDITORA PARMA LTDA.

ISBN 85 08 03732 5

2005

Todos os direitos reservados pela Editora Ática

Rua Baxão de Iguape, 110-CEP 01507-900
Caixa Postal 2937— CEP 01065-970
São Paulo –SP

Sumário

1. Teorias lingüísticas do texto e teoria semiótica	10
A noção de texto	
Percurso gerativo do sentido	
2. Sintaxe narrativa	20
Enunciado elementar	
Programa narrativo	
Percurso narrativo	
Esquema narrativo	
3. Semântica narrativa	44
Modalização do fazer	
Modalização do ser	
4. Sintaxe discursiva	53
Projeções da enunciação	
Efeito de proximidade ou de distanciamento da enunciação	
Efeito de realidade ou de referente	
Relações argumentativas entre enunciador e enunciatário	
5. Semântica discursiva	66
Tematização	
Figurativização	
Coerência textual	
Estruturas fundamentais	

6. Além do percurso gerativo do sentido _____	74
Semi-simbolismo _____	
Discurso, enunciação e contexto sócio-histórico _____	
7. Vocabulário crítico _____	80
8. Textos analisados _____	87
9. Bibliografia comentada _____	89

Teorias lingüísticas do texto e teoria semiótica

A intenção deste livro é apresentar, de forma sucinta e simples, os fundamentos da teoria semiótica. Por teoria semiótica está-se entendendo a teoria desenvolvida por A. J. Greimas e pelo Grupo de Investigações Sêmio-lingüísticas da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais. Existem outras teorias semióticas, também bastante conhecidas, como a de Charles Peirce e a da Escola de Tartu. Por razões diversas, entre as quais a de exigüidade de espaço e a de tipo de publicação, não se farão comparações entre as diferentes propostas e, muito menos, apreciações do mérito e das vantagens indiscutíveis de cada uma delas. A opção pela semiótica greimasiana deve-se a motivos vários, alguns mesmo de ordem pessoal, e merece referência o caráter de *teoria do texto* que assume a semiótica escolhida para esta apresentação.

A semiótica insere-se, portanto, no quadro das teorias que se (pre)ocupam com o texto.

A lingüística foi, durante muito tempo, uma teoria da língua e da linguagem que não ia além das dimensões da frase, seja por acreditarem alguns ser a frase a unidade lingüística por excelência, seja por dificuldades práticas de outros que reconhecem unidades maiores que a frase. A essa delimitação da lingüística soma-se mais uma, a de ser *lingüística da língua*, e de deixar, para outros campos do conhecimento, as questões de uso da língua ou as implicações do contexto social e histórico dos falantes. Os estudos lingüísticos circunscrevem-se, assim, em um espaço ao mesmo tempo vasto e restrito e tomam por objeto unidades da dimensão máxima da frase, concebidas fora de qualquer contexto de enunciação.

Os limites impostos foram facilmente mantidos no período em que a lingüística se confundia com a fonologia e a morfologia, com menos facilidade durante o reinado da sintaxe, e tornaram-se insustentáveis no ressurgimento dos estudos semânticos nos anos sessenta. A semântica, cujos princípios diacrônicos

foram formulados por M. Bréal, em fins do século passado, foi, durante a primeira metade deste século, a parente pobre da lingüística, desenvolvida como semântica da palavra isolada ou semântica lexical e considerada incapaz de levar adiante o projeto de uma ciência lingüística em construção. A semântica estrutural desenvolveu-se por volta de 1960, paralelamente à semântica lógica, e, apesar das críticas sofridas, teve o mérito inegável de reintroduzir as preocupações com o sentido no seio dos estudos lingüísticos. A partir de L. Hjelmslev, que mostrou ser possível examinar o plano do conteúdo em separado do plano da expressão, tal como a fonologia fizera com o plano da expressão, a semântica estrutural desenvolveu princípios e método para estudar o sentido. As dificuldades foram muitas e não se conseguiu ir além da descrição de uma fatia reduzida do conteúdo de uma língua, tampouco ultrapassar os limites da frase. A preocupação com o sentido, no entanto, forçou o lingüista a rever sua concepção de língua e de estudos da linguagem e a romper as barreiras estabelecidas entre a frase e o texto e entre o enunciado e a enunciação. Sem derrubar essas demarcações, não se pode realizar nenhum estudo satisfatório do sentido.

A mudança de posicionamento frente aos fatos de linguagem levou ao aparecimento de propostas teóricas diversas que concebem o *texto*, e não mais a frase, como unidade de sentido e que consideram, portanto, que o sentido da frase depende do sentido do texto. Ao lado dos estudos do texto, desenvolveram-se, também, diferentes teorias pragmáticas ou da enunciação que têm em comum o ponto de vista adotado de exame das relações entre a instância da enunciação e o texto-enunciado e entre o enunciador do texto e o enunciatário, para quem o texto é fabricado.

Houve, por conseguinte, mudança de perspectiva teórica com o aparecimento de estudos da organização do texto e das relações entre enunciado e enunciação. As teorias desenvolvidas privilegiaram uma ou outra das abordagens. A lição da semântica, porém, que abriu o caminho duplo da busca do sentido não terá sido bem entendida se forem separadas as duas preocupações, a que se volta para o texto, a que se dirige para a enunciação.

A noção de texto A semiótica tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar *o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz*.

É necessário, portanto, para que se possa caracterizar, mesmo que grosseiramente, uma teoria semiótica, determinar, em primeiro lugar, o que é o *texto*, seu objeto de estudo.

Um texto define-se de duas formas que se complementam: pela organização ou estruturação que faz dele um “todo de sentido”, como objeto da comunicação que se estabelece entre um destinador e um destinatário. A primeira concepção de texto, entendido como *objeto de significação*, faz que seu estudo se confunda com o exame dos procedimentos e mecanismos que o estruturam, que o tecem como um

“todo de sentido”. A esse tipo de descrição tem-se atribuído o nome de *análise interna ou estrutural do texto*. Diferentes teorias voltam-se para essa análise do texto, a partir de princípios e com métodos e técnicas diferentes. A semiótica é uma delas.

A segunda caracterização de texto não mais o toma como *objeto de significação*, mas como *objeto de comunicação* entre dois sujeitos. Assim concebido, o texto encontra seu lugar entre os objetos culturais, inserido numa sociedade (de classes) e determinado por formações ideológicas específicas. Nesse caso, o texto precisa ser examinado em relação ao contexto sócio-histórico que o envolve e que, em última instância, lhe atribui sentido. Teorias diversas têm também procurado examinar o texto desse ponto de vista, cumprindo o que se costuma denominar *análise externa do texto*.

Os que se dedicam ao exame “interno” do texto e aqueles que se devotam à sua análise “externa” se recriminam e se criticam uns aos outros: os primeiros são acusados de reducionismo, de empobrecimento e de desconhecimento da história; os últimos, de subjetividade e de confundirem a análise do texto com outras análises. No entanto, o texto só existe quando concebido na dualidade que o define — objeto de significação e objeto de comunicação — e, dessa forma, o estudo do texto com vistas à construção de seu ou de seus sentidos só pode ser entrevisto como o exame tanto dos mecanismos internos quanto dos fatores contextuais ou sócio-históricos de fabricação do sentido. Nos seus desenvolvimentos mais recentes, a semiótica tem caminhado nessa direção e procurado conciliar, com o mesmo aparato teórico-metodológico, as análises ditas “interna” e “externa” do texto. Para explicar “o que o texto diz” e “como o diz”, a semiótica trata, assim, de examinar os procedimentos da organização textual e, ao mesmo tempo, os mecanismos enunciativos de produção e de recepção do texto.

Resta ainda um ponto a ser esclarecido nesta rápida exposição da noção de texto: o objeto de estudo da semiótica é apenas o texto verbal ou lingüístico? O texto, acima definido por sua organização interna e pelas determinações contextuais, pode ser tanto um texto lingüístico, indiferentemente oral ou escrito — uma poesia, um romance, um editorial de jornal, uma oração, um discurso político, um sermão, uma aula, uma conversa de crianças — quanto um texto visual ou gestual — uma aquarela, uma gravura, uma dança — ou, mais freqüentemente, um texto sincrético de mais de uma expressão — uma história em quadrinhos, um filme, uma canção popular. As diferentes possibilidades de manifestação textual dificultam, sem dúvida, o trabalho de qualquer estudioso do texto, e as teorias tendem a se especializar em “teorias do texto literário”, “semiologia da imagem” e assim por diante. Com isso, perdem-se, muitas vezes, as características comuns aos textos, que independem das expressões diferentes que os manifestam, e ficam impossibilitadas as comparações entre textos diversos.

A semiótica sabe da necessidade de uma teoria geral do texto e reconhece suas dificuldades. Por isso mesmo, na esteira de L. Hjelmslev, propõe, como primeiro passo para a análise, que se faça abstração das diferentes manifestações — visuais, gestuais, verbais ou sincréticas — e que se examine apenas seu plano do conteúdo. As especificidades da expressão, na sua relação com o conteúdo, serão estudadas posteriormente.

A semiótica deve ser assim entendida como a teoria que procura explicar o ou os sentidos do texto pelo exame, em primeiro lugar, de seu *plano do conteúdo*.

Percurso gerativo do sentido Para construir o sentido do texto, a semiótica concebe o seu plano do conteúdo sob a forma de um *percurso gerativo*. A noção de percurso gerativo do sentido é fundamental para a teoria semiótica e pode ser resumida como segue:

- a) o percurso gerativo do sentido vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto;
- b) são estabelecidas três etapas no percurso, podendo cada uma delas ser descrita e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis;
- c) a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima;
- d) no segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito;
- e) o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação.

Para bem explicar o papel do percurso gerativo na construção semiótica do sentido do texto e para uma primeira apresentação, bastante imprecisa, de cada nível do percurso, serão examinados, em rápidas pinceladas, dois textos. São eles a letra da canção infantil “História de uma gata”, de Luiz Henriquez, Sérgio Bardotti e Chico Buarque (1980, p. 40), e o poema “Psicanálise do açúcar”, de João Cabral de Melo Neto (1975, p. 27).

História de uma gata

Me alimentaram
me acariciaram
me aliciaram
me acostumaram.
O meu mundo era o apartamento.
Detefon, almofada e trato

todo dia filé-mignon
ou mesmo um bom filé... de gato
me diziam, todo momento:
Fique em casa, não tome vento.
Mas é duro ficar na sua
quando à luz da lua
tantos gatos pela rua
toda a noite vão cantando assim:
Nós, gatos, já nascemos pobres
porém, já nascemos livres.
Senhor, senhora, senhorio.
Felino, não reconhecerás.
De manhã eu voltei pra casa

fui barrada na portaria,
sem filé e sem almofada
por causa da cantoria.
Mas agora o meu dia-a-dia
é no meio da gataria
pela rua virando lata
eu sou mais eu, mais gata
numa louca serenata
que de noite sai cantando assim:
Nós, gatos, já nascemos pobres
porém, já nascemos livres.
Senhor, senhora ou senhorio.
Felino, não reconhecerás.

A análise do texto considerará cada nível separadamente e procurará dar uma visão geral de como são concebidos o percurso e suas etapas.

No nível das estruturas fundamentais é preciso determinar a oposição ou as oposições semânticas a partir das quais se constrói o sentido do texto. Em “História de uma gata” a categoria semântica fundamental é:

liberdade vs. dominação (exploração, opressão)

Essa oposição manifesta-se de formas diversas no texto: “me aliciaram/me acostumaram”, “Fique em casa, não tome vento”, “Mas é duro ficar na sua”, “já nascemos livres”, “Senhor, senhora, senhorio” etc.

As categorias fundamentais são determinadas como positivas ou eufóricas e negativas ou disfóricas. No texto, a liberdade é eufórica, a opressão, disfórica.

Além das relações mencionadas e de sua determinação axiológica, estabeleceu-se no nível das estruturas fundamentais um percurso entre os termos. Passa-se, no texto em exame, da dominação negativa à liberdade positiva.

dominação ----- não-dominação ----- liberdade
(disforia) (não-disforia) (euforia)

A não-dominação, ou melhor, a negação da dominação aparece sobretudo em “Mas é duro ficar na sua...”.

“História de uma gata” tem, portanto, como conteúdo mínimo fundamental a negação da dominação ou da exploração, sentida como negativa, e a afirmação da liberdade eufórica.

No segundo patamar, nível das estruturas narrativas, os elementos das oposições semânticas fundamentais assumidos como valores por um sujeito e circulam entre sujeito graças à ação também de sujeitos. Ou seja, não se trata mais de afirmar ou de negar conteúdos, de asseverar a liberdade e de recusar a dominação, mas de transformar, pela *ação do sujeito*, estados de liberdade ou de opressão. “História de uma gata” é, assim, a história de um sujeito (“gata”) manipulado por um outro sujeito (“dono”) por tentação — boa casa, proteção, carinho, comida — para que “fique em casa”, “não se misture com os gatos de rua”, “seja fiel”. O sujeito gata quer cumprir e realmente cumpre o acordo, para receber os valores que o tentam. É reconhecido como “bom gato” e recompensado com “filé-mignon, detefon e bons tratos”. Surgem, porém, o gatos de rua, com outros valores, os da liberdade (sem filé e sem almofada), que também tentam o sujeito gata e fazem que ele vá à rua e ponha de lado, por conseguinte, o primeiro compromisso.

A gata esforça-se por esconder o rompimento do primeiro contrato e “volta para casa”: ela procura não parecer uma “gata de rua”, ainda que o fosse, ela tenta parecer fiel, embora tivesse praticado a infidelidade. O segredo ou a mentira são desmascarados e ela perde o reconhecimento de “bom gato” e as recompensas. Assume, a partir daí, os valores da liberdade.

A narrativa, como se viu, sofreu desdobramento polêmico. Opõem-se valores e a gata sincretiza os papéis de sujeito de fazeres contrários.

A última etapa do percurso gerativo é o das estruturas discursivas. As estruturas discursivas devem ser examinadas do ponto de vista das relações que se instauram entre a instância da enunciação, responsável pela produção e pela comunicação do discurso, e o texto-enunciado. Em “História de uma gata”, utilizam-se recursos discursivos variados para fabricar a ilusão de verdade. Projeta-se um narrador em *eu* obtém-se o efeito de subjetividade; indetermina-se o sujeito da primeira manipulação (“me alimentaram “me diziam”, “fui barrada”) e cria-se o efeito de generalização; delega-se a palavra aos manipuladores, dono e gatos de rua, e chega-se à ilusão de realidade.

Ainda no nível discursivo, as oposições fundamentais, assumidas como valores narrativos, desenvolvem-se sob a forma de temas e, em muitos textos, concretizam-se por meio de figuras. No texto em exame, desenrolam-se várias leituras temáticas:

a) tema da domesticidade ou da dominação e exploração do animal doméstico pelo homem;

b) tema da sexualidade da mulher-objeto ou de exploração da mulher comprada para o prazer;

c) tema da passagem da adolescência à idade adulta ou da opressão da família sobre a criança e o jovem (“Fique em casa, não tome vento”);

d) tema socioeconômico da marginalização da boemia.

As leituras abstratas temáticas estão concretizadas em diferentes investimentos figurativos, todos eles caracterizados pela oposição de traços sensoriais, espaciais e temporais que separam, no texto, a liberdade da dominação.

traço	dominação	vs.	liberdade
espacial	fechado		aberto
espacial	interno		externo
temporal	dia		noite
tátil	macio		duro, áspero
tátil	quente		frio (vento)
olfativo	cheiroso		malcheiroso (lixo)
gustativo	gostoso		ruim, azedo
auditivo	silencioso		ruidoso
visual	claro		penumbra (luz da lua)

Esses traços organizam figuras diferentes nas diferentes leituras temáticas. O traço olfativo, por exemplo, manifesta-se sob a forma do *detefon*, na leitura do animal doméstico, como perfumes e *cosméticos*, na da mulher-objeto, e como *cuidados* e *limpeza* (talcos, pomadas) na do adolescente.

A análise do poema de João Cabral de Melo Neto, “Psicanálise do açúcar” (1975, p. 27), deverá completar essa visão de conjunto do percurso gerativo do sentido, tal como o concebe a teoria semiótica.

O açúcar cristal, ou açúcar de usina,
mostra a mais instável das brancuras:
quem do Recife sabe direito o quanto,
e o pouco desse quanto, que ela dura.
Sabe o mínimo do pouco que o cristal
se estabiliza cristal sobre o açúcar,
por cima do fundo antigo, de mascavo,
do mascavo barrento que se incuba;

e sabe que tudo pode romper o mínimo
em que o cristal é capaz de censura:
pois o tal fundo mascavo logo aflora
quer inverno ou verão mele o açúcar.
Só os bangoês que ainda purgam ainda
o açúcar bruto com barro, de mistura;
a usina já não o purga: da infância,
não de depois de adulto, ela o educa;
em enfermarias, com vácuos e turbinas,
em mãos de metal de gente indústria,
a usina o leva a sublimar em cristal
o pardo do xarope: não o purga, cura.
Mas como a cana se cria ainda hoje,
em mãos de barro de gente agricultura,
o barrento da pré-infância logo aflora
quer inverno ou verão mele o açúcar.

No nível das estruturas fundamentais, o poema parte da oposição entre:

puro (branco, limpo, claro)	∕x	sujo (impuro, escuro, barrento)
“açúcar cristal da usina”		“açúcar mascavo”

Dois percursos ocorrem no texto. Passa-se da pureza à impureza, quando o mascavo barrento rompe o cristal, ou da sujeira do açúcar bruto à brancura do cristal da usina:

sujo ----- não.sujo ----- puro
(açúcar bruto) (cristal por cima do mascavo) (açúcar cristal de usina)

puro ----- impuro ----- sujo
(cristal) (fundo mascavo que aflora) (açúcar mascavo)

A asserção da “pureza”, no primeiro percurso, e a da “sujeira”, no segundo, fazem surgir, no texto de Cabral, uma terceira possibilidade, a da afirmação concomitante da “pureza” e da “sujeira”, no açúcar do bangüê. O açúcar do bangüê

tem características tanto do mascavo “sujo” quanto do cristal “puro”, purgado que é “com barro, de mistura”.

No nível das estruturas narrativas, as operações da etapa fundamental devem ser examinadas como transformações operadas por sujeitos. Em “Psicanálise do açúcar” mudam-se as qualificações do sujeito “açúcar”, ora “puro” ora “sujo”, transforma-se sua competência, enfim, para a ação. Tanto a usina quanto o tempo ou o bangüê são responsáveis pelas alterações das qualificações do sujeito. A usina manipula o sujeito sobretudo pela intimidação das “mãos de metal”, para que ele aja de modo “útil”, “puro” e “racional”, sem os impulsos ou os instintos “sujos”. A ela, opõe-se o tempo, o inverno ou o verão que “melam o açúcar”, ou seja, que desqualificam o sujeito para a ação pretendida pela usina. O tempo, na verdade, desmascara o sujeito ao mostrar o caráter passageiro e mentiroso de sua “brancura”. O açúcar de usina parece “puro” e competente para a ação, mas não o é, pois o inverno ou o verão fazem aflorar seu “fundo mascavo”. A usina responde, portanto, por transformações apenas aparentes do sujeito, ao mudá-lo de “sujo” em “puro cristal”. O tempo faz saber que a pureza é superficial e esconde o ser do sujeito moldado pelas “mãos de barro de gente agricultura”. Faz-se o percurso inverso, da aparência à essência.

Finalmente, a essas transformações opostas da competência do sujeito vem somar-se a manipulação do bangüê. O bangüê qualifica o sujeito com a “pureza” e com a “sujeira”, faz dele um ser complexo, ao misturá-lo com barro, para purificá-lo. O açúcar-mistura do bangüê define-se miticamente pela conciliação de opostos. Só assim, duplamente competente, o sujeito está qualificado para agir “útil, pura e racionalmente” e, ao mesmo tempo, “impulsivamente”. Está pronto para realizar o fazer de “adoçar”.

As estruturas discursivas, no último patamar do percurso, mostram um discurso em terceira pessoa, verdadeiro porque objetivo. Para a ilusão de objetividade e de verdade contribuem o argumento de autoridade e o efeito de realidade obtidos com o emprego de um sujeito do saber: “quem do Recife sabe direito”.

Vários temas realizam os valores da pureza e da sujeira, no discurso:

a) tema da purificação do açúcar, em que se opõem os métodos da usina e do bangüê, se apresentam as vantagens de cada um deles e se desmascara a excessiva pureza do açúcar cristal, que esconde sua sujeira;

b) tema psicanalítico da censura, dos recalques, da sublimação e do aflorar constante dos instintos e dos desejos reprimidos (se sublimação, para a psicanálise, é o “processo inconsciente que consiste em desviar a energia da libido para novos objetos, de caráter útil” (*Novo dicionário Aurélio*), o texto de Cabral mostra que a educação

— na família, na escola, na sociedade — põe o homem, desde a infância, na “boa” direção, mas que os impulsos constantemente afloram, em atos falhos etc.);

c) tema étnico do racismo, que se desenvolve na leitura do aniquilamento do negro, pondo em evidência o branco, e na solução apresentada da mestiçagem;

d) tema socioeconômico do desmantelamento da agricultura ou dos procedimentos pré-industriais, em favor da usina ou do grande complexo industrial (o meio-termo do bangüê seria o caminho visado);

e) tema político, em que se fala da aparência de “pureza” e de “limpeza”, de “ordem” de certos países, sob a qual fervilham as doenças sociais da rebelião que, a qualquer momento, podem aflorar.

As duas análises esboçadas quiseram apenas mostrar, no todo, como se articulam as etapas do percurso gerativo do sentido e como a semiótica dele se serve para ler textos. Será agora examinado detalhadamente cada nível do percurso.